

DO CONCEITO DE AMIZADE EM PLATÃO, ARISTÓTELES E CÍCEROOsmar Pereira Oliva ¹**RESUMO**

A amizade masculina é o tema de diversos discursos dos filósofos clássicos e tem sido retomado ao longo da história da Filosofia. Este trabalho discute os conceitos de amizade segundo Platão, Aristóteles e Cícero, com ênfase na bondade, na virtude e na semelhança. Para Aristóteles, a amizade exige intimidade e constância. Os homens egoístas, que esperam do amigo apenas vantagens e benefícios, não são dignos de amizade. Cícero amplia esse conceito, destacando o aspecto ético e moral da amizade; para este filósofo, somente os homens bons podem cultivar essa afeição, pois neles encontram-se fidelidade, integridade, equidade e liberalidade. Platão, por sua vez, afirma que a amizade nasce do desejo do que é semelhante e do que falta.

Palavra-chave: Amizade. Filosofia. Virtude.

1. Aristóteles: Amizade e bondade

Aristóteles nasceu em Estagira, Macedônia, em 384 a. C. Foi discípulo de Platão durante vinte anos. Foi também o educador de Alexandre, o Grande. Os livros VIII e XIX de **Ética a Nicômaco** são destinados a reflexões acerca da amizade. Desde o Livro I, Aristóteles afirma que “Toda arte e toda investigação, bem como toda ação e toda escolha, visam a um bem qualquer; e por isso foi dito, não sem razão, que o bem é aquilo a que as coisas tendem.” (ARISTÓTELES, 2000, p.17). Em relação ao cultivo da amizade, não é diferente para o filósofo essa proposição, já que a bondade e a amizade encontram-se na mesma pessoa. Em uma sociedade em que os homens são amigos não haveria necessidade de justiça, mas mesmo onde os homens são justos há necessidade da amizade. Para Aristóteles (2000), uma das condições primordiais para a amizade é que as pessoas se conheçam e desejem o bem reciprocamente. Há homens que se aproximam uns dos outros buscando a utilidade ou o prazer, nesse caso a amizade não é verdadeira, é apenas acidental, porque se amam por interesse, pelo que é bom para si mesmos. Não amam o caráter nem a virtude, e sim o que é agradável e útil. Em contraposição, a amizade perfeita é aquela existente entre homens bons e semelhantes na virtude e em querer o bem mutuamente. Esse tipo de amizade é também

¹ Professor de literaturas de língua portuguesa na Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes. Pós-doutor em Literatura Brasileira. Pesquisador do CNPq e da FAPEMIG. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Estudos Literários da Unimontes – G.E.L.

permanente, enquanto o primeiro tipo é efêmero. Nesse sentido, Aristóteles (2000) afirma que a amizade perfeita e verdadeira é rara, porque os homens bons e virtuosos também são raros.

Segundo o filósofo, o desejo de amizade pode surgir depressa entre as pessoas, mas a amizade em si, não, porque ela precisa ser colocada à prova; é preciso convívio constante e profunda intimidade entre os amigos, o que garante o seu caráter permanente. Por outro lado, a amizade baseada na utilidade e na troca de vantagens dura apenas enquanto duram as vantagens. Esta é a amizade entre os maus, acidental, porque se associam em busca do interesse próprio e se estabelece por analogia com a amizade perfeita, entre os bons, que se tornam amigos por si mesmos, sem visar a qualquer benefício.

A amizade deve ser cultivada, fortificada a cada dia. Se um amigo se ausenta por muito tempo, a amizade se desfaz, pois se perdem a constância e a intimidade. Para Aristóteles (2000), a convivência é um dos mais importantes pilares da amizade. Nesse sentido, não é possível ser amigo de muitas pessoas ao mesmo tempo, já que a intimidade demanda dedicação, tempo e muito esforço. Amar parece ser a virtude característica do amigo, mais do que ser amado. E esse amor deve ser voltado para as virtudes, para o caráter que o outro possui e, não, pelo prazer ou pela utilidade que dele possam provir. Aristóteles (2000) diz que a amizade que se constrói sob os pilares das vantagens e dos benefícios próprios deve ser rompida assim que for constatado esse aspecto utilitarista da convivência, pois o que é mau não merece ser amado.

O filósofo também afirma que a amizade deve ser rompida quando um amigo evolui e o outro para, no sentido da intelectualidade e da maturidade do homem. Mesmo assim, um amigo, mesmo desfeita a relação, deve ser lembrado. É importante ressaltar a afirmação de Aristóteles (2000) de que o homem ambicioso e egoísta, assim como o “inferior” não são dignos de amizade, pois nada têm de semelhança com o homem virtuoso e bom. Reiterando o aspecto moral da amizade, Aristóteles afirma que “não se pode manter com muitas pessoas a amizade que se baseia na virtude e no caráter de nossos amigos, e devemos dar-nos por felizes se encontrarmos uns poucos dessa espécie.” (ARISTÓTELES, 2000, p. 213)

Um outro dado importante nas relações de amizade, segundo Aristóteles (2000), é a comparação que ele faz entre homens viris e homens afeminados. Para o filósofo, o homem viril abstém-se de fazer seus amigos sofrerem por causa do seu sofrimento e não admite companheiros de aflição já que ele próprio não é dado a lamentar-se. Por outro lado, os afeminados, assim como as mulheres, gostam de ter pessoas solidárias com suas aflições, e

amam-nas como amigos e companheiros de pesar. Ao concluir o Livro IX, Aristóteles retoma a importância da convivência e da intimidade entre os amigos; segundo ele, a visão do ser amado é a coisa que maior prazer lhes causa e a convivência é a coisa mais desejável, considerando que a amizade é uma parceria fundada nas semelhanças, na virtude e na bondade.

2. Cícero: Semelhança e virtude

Marcus Tullius Cícero nasceu em 3 de janeiro de 106 a. C., em Arpino, no Lácio. Escreveu o diálogo **Lélio ou Da amizade** em 44, colocando em cena Lélio, Fânio e Cévola, o Augure. Este teria relatado a Cícero a maneira pela qual o diálogo se desenrola, a partir das considerações de Lélio a respeito da amizade, logo após a morte do seu grande amigo Cipião Emiliano. O pequeno tratado é marcado pela posição contrária ao epicurismo, doutrina que apresentava a amizade baseada apenas no interesse e pregava a mortalidade da alma, juntamente com o corpo. No preâmbulo, Cícero esclarece que reproduzirá, pela memória, a conversa passada entre os três amigos, e, para melhor narrar, colocará as próprias personagens em cena, em diálogo direto. Segundo Cícero:

Decorei as ideias de sua exposição e vou registrá-las aqui como julgo melhor: ponho em cena, por assim dizer, as próprias personagens, para não ter de repetir a todo instante “eu disse” e “ele disse”, e para dar a impressão de que o leitor está na presença dos interlocutores. (CÍCERO, 2001, p. 7)

Nas suas primeiras considerações sobre a amizade, Lélio afirma que quem se aflige com seus próprios males não ama o amigo, mas a si mesmo. Isto porque o sentimento passa a ser ególatra, o que não permite a aproximação e a manifestação do amigo. Relembrando a convivência com Cipião Emiliano, Lélio diz que dividiu com ele preocupações da vida política e da vida privada; com ele atravessou a essência de toda amizade, suas preferências, seus gostos e seus princípios se harmonizavam perfeitamente. Aqui, notam-se os elementos essenciais à amizade: a convivência, a semelhança e a partilha. A amizade necessita de proximidade para se consolidar. A intimidade, imprescindível aos amigos, somente se desenvolve pela convivência. Assim também o verdadeiro amigo partilha dos mesmos ideais, das mesmas crenças e dos mesmos princípios. Nesse sentido, destaca-se o aspecto ético e moral da amizade, pois, segundo Lélio, somente entre os bons pode haver amizade; neles encontram-se fidelidade, integridade, equidade e liberalidade, “não há neles nem cobiça, nem

libertinagem, nem audácia, e possuem uma grande constância.” (CÍCERO, 2001, p.26) Por possuir todos esses atributos, o que a equipara à virtude, a amizade não pode ser partilhada entre muitas pessoas, e separa uma sociedade limitadíssima, de sorte que a afeição se restringe a duas pessoas, ou pouco mais. Dessa maneira, depois da sabedoria, a amizade é a melhor coisa que os homens receberam dos deuses.

Em suas concepções, Lélío discute a figura do amigo como um espelho no qual nos encontramos; com o amigo falamos como se falássemos a nós mesmos; com o amigo, comemoramos nossas alegrias e com ele sofremos igualmente. A amizade verdadeira ameniza as adversidades: “Assim, quem contempla um amigo verdadeiro contempla como que uma imagem de si mesmo” (CÍCERO, 2001, p. 33).

Lélío exemplifica a verdadeira amizade a partir da história de Pílades e Orestes, da peça de Marco Pacúvio, os quais foram presos por tentarem roubar uma estátua de Ártemis, pertencente ao rei de Táurida. Orestes foi condenado à morte, mas Pílades afirmava ser ele Orestes, assumindo a culpa e expondo-se à morte, para livrar o amigo. Pergunta-nos Lélío: Se a encenação foi aplaudida pelo público, o que não faria se encontrasse tal dedicação na realidade? Lélío afirma que a amizade é tudo aquilo que é verdadeiro e voluntário, uma propensão da alma acompanhada por um sentimento de amor, nunca o cálculo do proveito que dela se auferirá.

Quem procura um amigo são aqueles que possuem autoconfiança, que contam com seu próprio valor e sabedoria, a ponto de parecer não necessitar de mais nada nem de ninguém. Mas é exatamente aí que reside a verdadeira essência da amizade, como complemento àquilo que já estava completo, que já era bastante ao homem. O amigo é o que falta quando parece nada faltar. E, se a amizade tivesse como base a necessidade e as vantagens, ela não se sustentaria após cessarem os benefícios. Lélío discute quão difícil é manter uma amizade até o fim da vida, pois desavenças podem surgir, pelo desejo de dinheiro ou pela disputa de cargos públicos, ou, ainda, por pedirmos ao amigo algo que não é moral nem justo que ele faça por nós. Nesses casos, é lícito que se desfaçam os laços entre os amigos, pois é a virtude que “costura” uma verdadeira amizade. De forma que a lei da amizade consiste em nada de vergonhoso pedir, nada de vergonhoso conceder. Nesse sentido, a prudência deve ser constante na amizade, somente fazer coisas honrosas e dignas para o amigo, e, quando necessário, ser franco, ainda que a verdade seja um “mal” aparente para o

outro. Em sua apologia à amizade, Lélío afirma que o homem que dela se priva é como se privasse o mundo do sol.

A semelhança é um dos atributos mais discutidos, por Lélío, como fundador da amizade. O que atrai o amigo é a sua virtude, é o que ele tem de bom, é a semelhança de índole que ele tem para com aquele que dele se aproxima, que o busca. Portanto, deve-se escolher aqueles que são estáveis e constantes, que são uma espécie rara, uma vez que muitos homens traem a sua constância diante de uma pequena quantia de dinheiro. Outros colocam as honras, magistraturas, cargos militares e civis, o poder acima da amizade. Em suma, a lealdade é a virtude que deve ser encontrada nos amigos, sem a qual é impossível haver estabilidade e constância. Ainda em relação à semelhança, o amigo deve ser sábio, franco, e inclinado à brandura, à amabilidade e à doçura. O conselho do filósofo é que, quando faltar ao amigo constância e virtude, afrouxe-se a amizade, até que ela se “descosture”. Note-se que, em vez de utilizar o verbo “romper”, o sábio prefere “descosturar”, que produz um efeito de sentido diferente. Por essa ação, o que estava ligado não se arruína, não se prejudica, apenas se separa, permanecem inteiros, porém, com suas marcas da antiga ligação. De outra maneira, deve-se evitar os dissimulados e os bajuladores. Do amigo espera-se, sempre, a franqueza e a verdade, se não, ele não pode ser chamado de amigo nem de sábio. Ao finalizar o diálogo, Lélío retoma a ideia de imortalidade da alma, ao afirmar para os seus interlocutores que o que ele amou em Cipião foi a sua virtude, e essa não morreu.

3. Platão: Os paradoxos da amizade

Platão nasceu em Atenas, por volta do ano 427 a. C., e foi o mais célebre discípulo de Sócrates. Foi o mestre de Aristóteles e o fundador da Academia de Atenas. A doutrina sobre a *philia* pode ser encontrada em **O banquete**, **Fedro** e **Lísis**. No entanto, privilegiamos, neste trabalho, este último discurso, porque as reflexões sobre a amizade estão mais evidentes do que nos outros livros. O diálogo **Lísis** se desenvolve a partir do conhecimento que Sócrates tem a respeito do ridículo a que se expõe Hipótales por se encontrar apaixonado pelo jovem Lísis, a quem dedica hinos, versos e louvores, sem o ter ainda conquistado, motivo da crítica do mestre e dos seus condiscípulos, como ironiza Ctesipo:

Ouvi-lo discorrer, em tom coloquial, embora terrível, ainda não é o pior. O pior é quando se lança sobre nós para nos acabrunhar com os seus poemas e seus escritos. Mas, de tudo, o mais terrível é ouvi-lo cantar o favorito, com aquela maravilhosa

voz que somos obrigados a ouvir e a aguentar. E agora, à tua pergunta, cora!
(PLATÃO, 1995, p. 36)

Sócrates ouve e concorda com Ctesipo. Para ele, Hipótales torna-se ridículo porque forja e canta o seu próprio louvor antes da vitória. Quem é experiente no amor não celebra o amado antes de conquistá-lo, evitando que ele se encaminhe em outra direção. Hipótales pede a Sócrates, então, que o aconselhe sobre como comportar-se perante o amado. Em seguida, todos adentram a sala de palestras, onde se encontravam Lísis e seu amigo Menexeno, discípulo de Ctesipo. As primeiras indagações de Sócrates confrontam o jovem quanto às suas relações de escravidão e liberdade, considerando que o seu pai não lhe deixava guiar os carros de luta, enquanto os seus escravos o podiam fazer; era-lhe proibido também tomar as rédeas do carro de mulas e chicoteá-las, enquanto aos seus servos era consentido. Entre outros questionamentos, o filósofo incute em Lísis o desejo de liberdade, ainda cerceada pelos seus pais. Para tal, esclarece-lhe que ele é livre para ler, escrever e tocar a lira porque está “avisado” dessas coisas, de forma que somos dignos de confiança e livres quando conhecemos, quando sabemos. Nas palavras de Sócrates:

Pois é assim mesmo, meu caro Lísis: nas coisas de que nos tornamos conhecedores, todos confiam em nós, helenos e bárbaros, homens e mulheres, e nelas podemos fazer o que quisermos, e ninguém, por sua alta recreação, nos porá entraves. Nessas coisas teremos toda a liberdade e seremos guias dos outros. (PLATÃO, 1995, p. 43)

A intenção clara de Sócrates é rebaixar Lísis, para que tenha consciência da necessidade de alguém mais sábio que ele, que o instrua e o eleve à categoria de sábio. Vê-se que o filósofo está a serviço da causa de Hipótales, que está presente à cena do discurso e tudo observa e ouve, pois a retórica socrática é bilateralmente dirigida a ele, ensinando-o como portar-se frente ao amado. Com esse intento, Sócrates dirige a palavra também a Menexeno, mas para atingir Lísis, afirmando que, enquanto outros desejam adquirir cavalos, cães, ouro, honrarias, o que ele mais deseja é adquirir amigos. E indaga-lhe: “Quando alguém ama outrem, qual é que se torna amigo do outro: o que ama, do que é amado, ou o que é amado do que ama?” (PLATÃO, 1995, p. 46). A partir dessa indagação, três hipóteses são apresentadas como respostas: primeiro, o que ama não tem amigo, a não ser que seja correspondido; segundo, é a própria divindade que faz os amigos, empurrando-os uns para os outros por aquilo que eles possuem de igual; terceiro, aquilo que não é bom nem mau é que, por isso mesmo, se torna amigo do bom. No entanto, o que pareceria uma resposta evidente é

desconstruído imediatamente por Sócrates, colocando interlocutor e leitor em suspenso quanto a um conceito a que se tinham chegado para recomençar a duvidar.

Em relação à primeira proposição, nem sempre quem ama é amado; algumas vezes o amante é até mesmo odiado. Se assim parece, não pode haver amizade se não há correspondência de sentimentos entre duas pessoas. A desconstrução se estende à segunda proposição, uma vez que os maus não podem ser amigos dos maus, porque são egoístas e buscam cada um seus próprios interesses. Os bons, por sua vez, são auto-suficientes, de nada precisam, nem mesmo de amigos. Enquanto os semelhantes se enchem de inveja, de rivalidade e de inimizade entre si, os desiguais se enchem de amizade, ou seja, o amigo é amigo daquilo que lhe é contrário. Mas pode o justo ser amigo do injusto, o moderado do licencioso, o bom ser amigo do mau, questiona Sócrates. E conclui: “Vejam ainda outra hipótese, não se dê mais o caso de nos tornar a escapar que o amigo, na realidade, não é nenhuma dessas coisas. Aquilo que não é bom nem mau é que, por isso mesmo, se torna amigo do bom.” (PLATÃO, 1995, p. 52).

Nessa proposição, Sócrates apresenta três gêneros de seres: o bom, o mau, o que não é bom nem mau – a exemplo do corpo enquanto corpo que, devido à presença do mau (uma doença) torna-se amigo do bom (a medicina). Mas, nem mesmo Sócrates acredita nessas afirmações. E propõe, então, que o desejo é a causa da amizade. O que deseja é amigo daquilo que deseja e isso sempre que deseja. Mas o que é o desejo? Desejar é querer algo de que se está privado, de que foi despojado. Quando alguém deseja outrem, ou o ama, é porque guarda alguma afinidade com ele, seja quanto à alma ou a qualquer traço da alma, do caráter ou da figura. Sócrates põe em derrisão também essa reflexão, pois, se o afim é diferente do que deseja, já se disse que os contrários não podem ser amigos. Se o afim é igual ao que deseja, já se disse também que os iguais não podem ser amigos porque se bastam. Ao final da palestra, os jovens Menexeno e Lísias são levados por seus pedagogos, e Sócrates exclama que os três acabaram de se tornar ridículos, pois não foram capazes de descobrir o que era a amizade.

O discurso não fecha, pois, o conceito de amizade. Todas as hipóteses, afirmações e definições não se sustentaram frente às indagações socráticas. Ainda assim, gostaria de retomar a ideia de amizade enquanto falta, desejo de algo ausente àquele que deseja. Para Sócrates, o sujeito desejante deseja aquilo que lhe é afim. Eu acrescentarei que o amigo deseja aquilo que lhe é afim e complementar, de forma que o amado não é apenas semelhante ao

amante, é também, e sobretudo, uma diferença, um suplemento e, não, o seu igual ou o seu contrário.

Roland Barthes, em “Fragmentos de um discurso amoroso”, define ausência como sendo “todo episódio de linguagem que põe em cena a ausência do objeto amado – quaisquer que sejam a causa e a duração – e tende a transformar essa ausência em prova de abandono.” (BARTHES, 1997, p. 52). A ausência amorosa só tem um sentido, e somente pode ser dita a partir de quem fica – e não de quem parte. Só há ausência do outro. O que ama é quem fica, quem espera, quem aguarda. O amado é o que parte, que vive em eterno estado de partida, de viagem. Daí que quem ama é sempre menos amado do que aquele que se ama. A partir de Lacan, Barthes cita o enunciado “eu-te-amo” como uma expressão sem nuances, que dispensa as explicações, as organizações, os graus, os escrúpulos – é uma holofrase que põe o sujeito suspenso numa linguagem especular com o outro, e só tem sentido no momento da fala, no seu dizer imediato.

4. Considerações finais

Ao finalizar este texto, é imprescindível justificar a desordem cronológica com que trouxe Aristóteles, Cícero e Platão para o meu diálogo. Se o autor de **A República** tivesse sido referido primeiro, haveria mais o que dizer? Na condição de um ato de fala, que nos coloca dentro e suspenso pela linguagem, cabe a nós, nesse artigo sobre a amizade, não iluminar a dúvida com um conceito, devido à nossa impossibilidade de formulá-lo, e essencialmente em respeito ao que é próprio da Filosofia, mas indagar também como o filósofo ateniense: o que é a amizade? Quem é o amado do amigo? O que deseja o amigo em seu amado? O que falta àquele que ama? São questões que a filosofia se propõe e para as quais ainda faltam respostas satisfatórias.

ABSTRACT

A male friendship is the subject of several discourses of the classic philosophers and has been taken over the history of philosophy. This article discusses the concepts of friendship second Plato, Aristotle and Cicero, with emphasis on kindness, on virtue and on similarity. For Aristotle, friendship requires intimacy and constancy. Selfish men who expect from friend only advantages and benefits are not worthy of friendship. Cicero expands this concept, emphasizing the ethical and moral aspect of the friendship for this philosopher, only good men can cultivate this affection, because in them they find fidelity, integrity, equity and liberality. Plato, in other words, affirms that friendship is born of the desire of what is similar and what is lacking.

Keywords: Friendship. Philosophy. Virtue.

Referências

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Pietro Nasset. São Paulo: Martin Claret, 2000.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Tradução de Hortênsia dos Santos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997.

CÍCERO, Marco Túlio. **Da amizade**. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PLATÃO. **Lísis**. Tradução de Francisco de Oliveira. Brasília: Universidade de Brasília, 1995.